

liturgia na multivocidade das palavras e das mesas. Assim sendo, na linha da encarnação

“die Auferstehung ist, in ihrer wahren Tiefe gelesen, zugleich eine Eucharistieprophetie“⁴².

A mesa anuncia inexoravelmente o rito. A vida da ressurreição que faz resurgir permanentemente a vida não pode não ser repetida culturalmente, dado que aí volta a suceder a salvação. O acontecimento histórico abre já ao seu momento ritual, ao seu futuro cultural.

Este momento histórico foi pensado já por Karl Rahner no quadro da antropologia transcendental e no esforço constante da fé de diálogo com a cultura contemporânea. Karl Rahner estabelece, na continuidade da grande tradição cristã, uma unidade indelével entre palavra e rito, entre palavra e Sacramento, entre Wort und Eucharistie. A palavra não é, de facto, apenas um acrescento, mas um “sondern dauerndes Konstitutives Moment am sakramentalen Zeichen selbst ist”⁴³. Ao pensar o dogma do rito sacramental no horizonte da teologia da graça, Rahner mostra como o gesto é palavra, fala e diz, o rito apresenta um “Wortcharakter”⁴⁴, logo é momento de graça. A palavra interior mostra-se exteriormente sendo assim a “gegenwärtigung der Gnades Gottes”⁴⁵. Na dupla mesa da palavra e do rito a graça encarna assumindo a natureza humana. Este princípio da teologia da encarnação, muito presente e constante em Rahner, estabelece a ligação unitiva da dupla mesa da palavra e do rito no sinal sensível presente em ambos. Por isso é possível concluir com Rahner que o sinal e a palavra são metafísica e teologicamente falando “genau desselben Wesens”⁴⁶. Ambos são assim sacramento da fé na palavra dos sinais sensíveis que os diferenciam.

JOSÉ CARLOS CARVALHO

⁴² Cf. JOSEPH RATZINGER, *Der Geist der Liturgie Eine Einführung*, Freiburg-Basel-Wien 2000, 36-37.

⁴³ KARL RAHNER, *Wort und Eucharistie*, [=Schriften zur Theologie IV], Einsiedeln 1961, 351.

⁴⁴ KARL RAHNER, *Wort und Eucharistie*, [=Schriften zur Theologie IV], Einsiedeln 1961, 329.

⁴⁵ KARL RAHNER, *Wort und Eucharistie*, [=Schriften zur Theologie IV], Einsiedeln 1961, 321.

⁴⁶ KARL RAHNER, *Wort und Eucharistie*, [=Schriften zur Theologie IV], Einsiedeln 1961, 330.

A EUCARISTIA DA TRAVESSIA EM TEILHARD DE CHARDIN

Falar deste tema que nos propomos abordar, em especial nos nossos dias, é tarefa verdadeiramente responsabilizante por dois motivos associados aos grandes pólos que o compõem: por um lado, **Teilhard de Chardin** já teve o seu tempo, que coincidiu com o abrir de janelas do 2º Concílio do Vaticano. Hoje é tido como superado, definitivamente enterrado; a **Eucaristia**, essa, é criticada abertamente em círculos de pessoas bem intencionadas, mas mais sensíveis às modas passageiras do que aos grandes movimentos de fundo que vão trabalhando na criação através da História salvífico-nupcial de amor entre Deus e o homem¹. Talvez tenha sido este mesmo desafio com que nos deparamos – não nos esquecendo da feliz coincidência de, em 2005, simultaneamente celebrarmos o “ano da Eucaristia” e os 50 anos da morte de Teilhard² – que nos estimulou à realização deste ensaio, pois, de facto, quer a sua personalidade, quer o seu provado amor a Cristo e à Igreja, demonstrado no seu obediente esforço de consecução de uma coerência entre o amor a Deus e ao mundo, são um profundo estímulo para todo aquele que hoje deseja falar, desde tudo, sobre Deus. Gostaríamos que este breve trabalho fosse disso um sinal diáfano.

Objectivamente falando, a maior parte dos textos de Teilhard tratam essencialmente da transformação da energia provinda da actividade secular e, com toda a propriedade, ele próprio nunca se referiu à eucaristia de modo sistemático. Todavia, os seus escritos mais marcantes evidenciam a sua paixão contemplativa encarnacional e, vivendo ele sempre daquela, a mesma surge constantemente exposta ao longo da sua obra. Nesta, a eucaristia, de facto, nunca nos surge tratada como um estudo especulativo, mas sempre como uma vida vivida e consumida em Deus. Em toda a sua obra dois momentos são capitais no que concerne ao nosso tema: “*Missa no Altar do Mundo*”³ e “*O Meio Divino*”⁴. Não foi, contudo, somente desde estes que nos debruçamos para a realização deste nosso ensaio – embora a eles não nos deixemos

¹ No nosso esboço de ensaio teológico, o genérico masculino é usado sem qualquer tipo de discriminação, visando unicamente aligeirar o texto.

² Pierre Teilhard de Chardin nasceu a 1 de Maio de 1881 em Sarcenat (Puy-de-Dôme) e faleceu a 10 de Abril, dia de Páscoa, de 1955 em Nova Iorque.

³ *A Missa no Altar do Mundo*, in *Hino do Universo*, Lisboa: Editorial Notícias, 1996, p. 17-34, que acaba por ser um desenvolvimento de temas e ideias já referidas no ensaio “*Le Prêtre*” de 1918.

⁴ *O Meio Divino*, Lisboa: Notícias Editorial, 1997, sobretudo p. 94-101.

de referir –, pois, na realidade, os mesmos são, já por si, suficientemente concisos e precisos para poderem resumir o seu pensamento. Deste modo, partimos para além daqueles textos matriciais em busca da alma eucarística teilhardiana, justamente para os iluminar e prolongar na senda da “*Eucaristia da travessia*” que Teilhard continuamente viveu e celebrou.

Que toda a vida cristã tenha o seu fundamento, âmago e ápice na eucaristia ⁵ é um dado pacificamente aceite pelo cristão de todos os tempos. Contudo, quem é que, assumindo e vivendo experiencialmente ⁶ esta realidade, se sente privado de algo de absolutamente estruturante para a sua vida quando daquela afastado? Quem é que se sente em jejum, e des-criado, quando não saciado pelo alimento sobre-substancial – *επιουσιον/epiusion* – que o cria e sustém? Meditando sobre este tema, Teilhard de Chardin escreveu dos mais sugestivos textos sobre a vivência eucarística: vida-plena em peregrinação, ou, porque sob a real obscuridade da fé – o que em nada diminui o seu valor, antes lhe conferindo um sincero cunho de autenticidade –, em travessia-recapitulante para Deus ⁷.

Para ele a pessoa humana realiza-se na medida em que, canalizando os seus próprios talentos, se torna com-criador de modo semelhante a Deus, aderindo, mais e mais, à pessoa de Jesus Cristo pela contemplação activa do seu modo de proceder. Mas esta energia criadora, evolutora e cósmica, que brota do ser pessoal do homem, só pode tornar-se autêntica se passar pela união essencial e purificadora da consubstancialidade recíproca, realizada, re-apresentada, actualizada e celebrada de modo sublime na eucaristia ⁸. Esta, de facto, para Teilhard, é o centro de convergência das acções em que o cristão comunga com Cristo encarnado no mundo e glorificado em Céu. É, enfim, sobre esta que nos propusemos escrever. Fizemo-lo trabalhando, num primeiro momento, *sobre e desde* os textos originais para, de seguida, buscando aqueles que tendo sido publicados em português, permitiram que a nossa apresentação se entrelaçasse, de modo fluido e dinâmico, com o seu pensamento a fim de que seja, prioritária e essencialmente, Teilhard a *dizer-se*.

⁵ Cf. *Lumen Gentium*, n.º 11.

⁶ No nosso texto sempre que nos referirmos a “experiência” no contexto da vida cristã fá-lo-emos no sentido de “experiência-experiencial”, a qual, em contraste com a experiência física, indica a experiência pessoal vivida, não reiterável e que ocorre de modo consciente na vida espiritual.

⁷ Muito em sintonia com a perspectiva bíblica, para Teilhard não há um “*caminho para*” ou um “*caminho a*”, mas um “*caminho de*” que, embora podendo-se desdobrar naqueles, não se reduz aos mesmos. A visão teilhardiana da eucaristia, e do cristianismo em geral, é menos conforme à de uma peregrinação que nos leve a algum sítio, do que à de uma dinâmica espiritual de vida em que o percurso, por ser “*caminho de*”, não está dualisticamente separado da sua meta. Neste caso, o caminho não constitui um simples “meio” ou um mero “instrumento” que possa ser ignorado depois de se ter alcançado aquela: ele está desde sempre contido na experiência final. O homem é peregrino somente porque é *viator*, mas enquanto todo o peregrino pára num lugar – não ocorrendo nele aquele movimento de ir mais além que a travessia espiritual expressa pela imagem do adentrar-se no desconhecido do “*Deus semper maior*” –, aquele que se entrega a uma travessia abdica de toda a “geografia” e, esperando sempre e somente o encontro com Deus desde a sua vida, não cessa a sua viagem senão quando Ele vem ao seu encontro para o fazer presente a Si.

⁸ Cf. *Sacrosanctum Concilium*, 5-13.

A Génese de uma Contemplação

Filho de Inácio de Loyola, Teilhard, desde a reflexão apaixonada sobre o papel fundamental que a eucaristia tem na economia salvífica, contempla naquela, simultaneamente, o prolongamento da Encarnação e a promessa da transformação do mundo. Recuperando o adágio dos Padres ⁹, para ele a eucaristia recapitula toda a economia da salvação; isto é, a obra de amor manifestado por Deus para conferir ao homem a possibilidade de aceder ao Reino e, em reconhecimento agradecido, o efectivo empenho sinérgico do homem em deixar-se por Ele alcançar. Assim, compreensivelmente, na sua busca do pessoal – da interioridade relacional e inter-relacional, consciente e espiritual –, é todo o ambiente divino que assume o rosto humano-divino de Jesus: sobre o pão e o vinho eucarístico, Teilhard vê todo o dinamismo evolutivo como que numa comunhão cósmica com Aquele que atrai tudo a Si em prol da recapitulação salvífica. Com ele somos convidados a ver que se se pode encontrar Cristo em todas as coisas é porque, na realidade, pelo homem, que as assume em Cristo, todas elas, como numa túnica sem costura, se estão metamorfoseando no Cristo cósmico.

O aspecto sacramental da vida, o gosto pela vida, o amor à criação, a energia humana, o sentido da evolução interior e das transformações que ela induz revelam-nos que, para o nosso autor, tudo existe, com efeito, num imenso movimento de encarnação-pascal que se justifica, tende e se plenifica em Cristo. Não é, pois, o mundo cósmico meramente natural, o universo experimental fechado *sobre, e em, si mesmo* – «*irremediavelmente superficial*» ¹⁰ na totalidade ligada das suas dimensões que o próprio Teilhard, fruto daquele sofrimento de alma próprio de todo aquele que se aventura nas zonas “interditas” do espírito, viveu «*quase até à dor física*» ¹¹ – aquele que lhe surge à contemplação. Ultimamente, ousamos dizer, esse não lhe oferece qualquer interesse definitivo. Para ele, o que conta é o universo eucarístico, aquele que revela àquele outro o segredo da sua própria finalidade. Contudo, a travessia daquele para este só pode ocorrer, não pela evasão que engana, mas pela única saída possível: a comunhão com Aquele que é o seu Princípio, o seu Meio e o seu Fim endógeno ¹².

No fim de contas trata-se de um universo pessoal, dotado, pelo homem, de uma consciência eucarística que lhe confere uma malha pessoal que o faz convergir organicamente à volta de um «*centro supremo amável e amante*» ¹³. Tal é a única criação, não que ele conhece, mas em que verdadeiramente acredita: é um universo carregado de amor na sua evolução e destinado a unir-se a Deus por Cristo ¹⁴. É a criação que celebra a eucaristia, tal como lhe revela a fé: «*Pela acção*

⁹ Cf. *Didaché*, 9, 4; GREGÓRIO DE NISSA – *Grande Catequese*, 37.

¹⁰ *Génese de um Pensamento*, Lisboa: Moraes Editora, 1966, carta de 12 de Julho de 1918, p. 244s.

¹¹ *Génese de um Pensamento*, carta de 12 de Julho de 1918, p. 246s.

¹² Cf. *Gaudium et Spes* n.º 45.

¹³ *Cartas de Viagem*, Lisboa: Portugália Editora, 1969, carta de 19 de Janeiro de 1929, p. 126.

¹⁴ Por estas e outras ideias semelhantes que atravessando todo o seu pensamento não poderemos, também nós, deixar de abordar, Teilhard foi, de muitas maneiras e em diversas ocasiões, acusado de

transformadora da “fé que opera”¹⁵, mantêm-se intactas todas as ligações naturais do Mundo: mas sobrepuja-se-lhes um princípio, uma finalidade interna.[...] Influenciado pela nossa confiança na sua força benfazeja – pela nossa convicção prática de que o Universo, nas mãos do Criador, continua a ser a argila com que Ele molda à sua vontade as múltiplas possibilidades –, sem alterar os seus traços exteriores, o Universo poderá sobreanimar-se.[...] Sim, o Mundo, a Vida (o nosso Mundo, a nossa Vida), nas nossas mãos, nas mãos de todos nós, ficam como uma hóstia, prontos para se encherem de influência divina, de uma Presença real do Verbo Encarnado. Cumprir-se-á o Mistério. Mas com uma condição: que nós acreditemos que esta pode e quer tornar-se, para nós, a acção, ou seja, o prolongamento do Corpo de Cristo. Acreditamos? Tudo à nossa volta se ilumina e ganha corpo: o acaso ordena-se, o sucesso adquire uma plenitude incorruptível, a dor torna-se uma visita e uma carícia de Deus.»¹⁶ É a criação humano-divina que caminha com a Igreja celebrante e orante até ao Cristo-Omega em Quem, segundo as palavras de São Paulo, o «Pleroma» deve ser definitivamente consumado na Parusia, depois de ter misteriosamente passado para Ele, única Eucaristia, todo o tecido cósmico através do qual tal Pleroma tinha sido, humilde e pacientemente preparado¹⁷.

A Acção Real

Teilhard celebra constantemente as extensões eucarísticas: não só a sua presença, mas a sua acção: toda a realidade culmina na eucaristia na qual, pelo Espírito Santo, a criação converte-se no Corpo e Sangue de Cristo. Naquela, na realidade, antecipa-se a transfiguração escatológica, a nova criação, o Reino: a própria eucaristia colabora com a redenção de toda a criação: «A cada momento, o Cristo Eucarístico controla, do ponto de vista do Pleroma (que é o único e verdadeiro ponto de vista para compreender o mundo), todo e qualquer movimento do universo – Cristo per quem omnia, Domine, semper creas, vivificas et praestas nobis.»¹⁸ Quando o homem se acolhe eucaristicamente como dom para se dar como dom – não por aniquilação, mas por renúncia à possessão – dilata-se muito mais para além dos seus confins individuais: faz-se incomensurável no corpo de

panteísmo. Não nos cabe aqui aprofundar o assunto, mas achamos conveniente, desde já, deixar algumas palavras suas acerca deste assunto: «“Eu sempre tinha tido uma alma naturalmente panteísta”, um “panteísmo” muito real (no sentido etimológico da palavra: εν πασι παντα Θεος, quer dizer, segundo a expressão de S. Paulo: Deus todo em todos), mas panteísmo absolutamente legítimo: porque se, afinal de contas, os cristãos já não fazem senão «um com Deus», esse estado obtém-se não por identificação (tornando-se Deus tudo), mas por acção diferenciante e comungante do amor (Deus todo em todos), – o que é essencialmente ortodoxo.» in *Hino do Universo*, p. 52; Cf. *O Meio Divino*, p. 89.

¹⁵ Cf. *Mt* 9, 29; 15, 28, etc.

¹⁶ *O Meio Divino*, p. 108-112.

¹⁷ Cf. *O Meio Divino*, p. 101.

¹⁸ *O Meio Divino*, p. 98.

Cristo e já não se encontra separado de nenhuma existência pelo espaço e/ou pelo tempo. Tende, mesmo, a levar em si toda a humanidade, toda a realidade. Na verdade, Deus re-unificou a humanidade em Cristo – e toda a criação por esta n’Este – e esta, na sua acção de graças, re-encontra-se com o projecto an-árquico¹⁹ de Deus: «A Eucaristia é o primeiro dos sacramentos; ou, mais precisamente, é o sacramento único ao qual se referem todos os outros. E isto pela boa razão que por ela passa directamente o eixo da Encarnação, ou seja, da Criação.»²⁰

O mundo foi criado como um dinamismo de celebração para participar na graça e tornar-se eucaristia pela oferta do homem. E isto é o que Cristo, o Adão definitivo, realizou. Pela sua morte e ressurreição fez atravessar a criação na glória. No fundo, é esta modalidade transfigurada da criação que nos é oferecida na eucaristia, para que nos possamos associar a esta obra de ressurreição. O pão da comunhão não é simples pão, mas pão unido à divindade, não por uma nova encarnação, mas por um processo de integração no Corpo de Cristo que transfigura e plenifica o pão e o vinho de acordo com as suas vocações originárias. Neste âmbito, Teilhard alarga os “horizontes” da eucaristia e faz do mundo uma dádiva oferecida, aceite e partilhada por Deus: «Ao fitar a Hóstia tive a impressão de que a sua superfície se espraiava como uma mancha de azeite[...]. Por meio da expansão misteriosa da Hóstia, o Mundo tornara-se incandescente, parecendo, no seu todo, uma única Hóstia muito grande.»²¹ Para o nosso autor a eucaristia não ocorre ser, jamais, a conservação mágica de uma presença materializada, mas a comunicação performativa de uma Presença que se universaliza.

Tipo e antecipação da divinização do homem e do mundo, a eucaristia não só efectua a mudança pontual e localizada de uma parcela de matéria, mas influencia indirectamente o universo inteiro, penetrando e atravessando do divino as suas virtualidades, não por uma acção extrínseca e automática, mas pela acção kénótica do cristão. É toda a travessia espiritual do mundo que, no homem comungante em Cristo, se faz caminho para Deus: é todo o mundo a ser conduzido, pelo amor cristificante, para a intimidade plena e definitiva com Deus. É como se os próprios eixos cardeais formassem a Cruz do *Gulgoltha* que transfigura o espaço e o tempo que nela convergem: a criação em Reino e o cronos em kairós: «A cruz não é uma coisa inumana, mas super-humana. Desde que o homem é homem ela ergue-se à beira do caminho que conduz aos cumes mais elevados da criação[...]. Representa (é, de facto) a criação sustentada por Deus que sobe as encostas do ser»²², podendo e devendo eucaristicamente «brilhar a nossos olhos não já apenas como purificadora, mas como motriz.»²³

O memorial eucarístico, em Teilhard, é aquele misterioso movimento que une o crente ao seu Senhor erguido na Cruz, não só crucificado, mas elevado e operante: o ressuscitado em oferta viva ao Pai pelo Espírito. É com honestidade e

¹⁹ Utilizando nós, aqui, a terminologia levinasiana.

²⁰ *Introdução à Vida Cristã*, in *A minha Fé*, Lisboa: Editorial Notícias, 2000, p. 186-187.

²¹ *Três Histórias à maneira de Benson*, in *Hino do Universo*, p. 46.

²² *O Meio Divino*, p. 75-76.

²³ *Uma Generalização e Aprofundamento do Sentido da Cruz*, in *A minha Fé*, p. 244.

beleza que o nosso autor sintetiza o seu pensamento a este respeito: «*Declaro-o com plena sinceridade. Foi-me sempre difícil apiedar-me de veras em frente de um Crucifixo enquanto me apresentaram esse sofrimento como a expiação de uma falta que Deus poderia ter evitado[...] Dir-se-ia que o homem não era para ali chamado...[...] Mas a Cruz, projectada num Universo convergente em Cristo, assume uma gravidade e uma beleza novas, justamente as que mais nos podem seduzir. Sem dúvida, Jesus é sempre Aquele que carrega os pecados do Mundo; o Mal moral compensa-se misteriosamente pelo sofrimento. Mas Ele é mais do que isto: é o símbolo e o gesto do Progresso. O sentido completo e definitivo da Redenção já não é apenas expiar: é atravessar e vencer*»²⁴. O Cristo eucarístico, o Cristo em doação radicalmente eternizada de amor – haverá, porventura, outro? –, é Aquele que, rezando em nós, e por nós, na Cruz cósmica, leva as nossas aspirações, as nossas próprias vidas, tornadas acção-de-graças-fraterna, ao Pai, mudando radicalmente a face daquela: já não só a da «*face obscurecida, regressiva – mas também, e sobretudo, da face luminosa do Universo em génese; a Cruz símbolo do Progresso e de vitória através das faltas, das decepções e do esforço; a única Cruz, em verdade, que podemos, honesta, ativa e apaixonadamente apresentar à adoração de um Mundo tornado consciente do que era ontem e do que o espera amanhã.*»²⁵.

A eucaristia renova, confirma, aprofunda a “*consustancialidade*” pascal, a unidade ontológica de todos os homens na Passagem de Cristo para o Pai. Por ela todos formam um único ser crístico, uma mesma vida através do espaço e do tempo, na medida em que, de certo modo, Cristo deu Corpo e Sangue a toda a humanidade. A eucaristia celebra a entrega de Jesus que realizou o eterno desígnio do Pai: unir a humanidade a Si, divinizar as profundezas do homem, do mundo, do universo. Deste modo nunca mais cada um de nós está só, jamais excluído ou perdido: Cristo, desde toda e qualquer situação, aguarda-nos no silêncio do seu amor: «*O mundo, em certas alturas, parece-nos uma coisa pavorosa: imensa, cega, brutal[...] Meu Deus, uma vez que a minha dignidade humana me interdita de fechar os olhos a isto, para que não sucumba à tentação de amaldiçoar o universo e Aquele que o fez, fizeste com que o adore vendo-Vos escondido nele. Repeti para mim a grande palavra libertadora, Senhor, aquela que simultaneamente revela e opera: Hoc est Corpum meum*»²⁶. Silêncio que rompe, pela sua palavra, e que leva a sua Igreja a romper, pela eucaristia – palavra explicadora de toda a criação –, o silêncio da humanidade que se faz presente a Deus, e a si mesma, no mesmo movimento em que o Senhor ressuscita.

²⁴ *Cristologia e Evolução*, in *A minha Fé*, p. 98s.

²⁵ *Introdução à Vida Cristã*, in *A minha Fé*, p. 184.

²⁶ *O Meio Divino*, p. 110.

Alicerce Eclesial

A eucaristia retrata o mistério essencial da Igreja: esta é, e por ela todo o mundo, eucarística na medida em que continua a realizar hoje o mistério da Páscoa de Cristo, o mistério da união de Deus com o homem. Igreja que revela a fragilidade infinita do Amor ao ser o corpo do Amor crucificado-glorificado. Expressando e operando o mistério, tão querido a Teilhard, da *theantropia* – da divino-humanidade –, a eucaristia expressa o mistério de Deus que não quer senão que o homem comungue com Ele. Daqui manifesta-se a dimensão eucarística do próprio ser humano: este foi criado para isto, para ser *por, em e com* Cristo; para realizar a vocação de louvor, de acção de graças, de contemplação e de sacrifício pró-existente que deve ser estendida a toda a criação: «*Creio que o Universo é uma Evolução / Creio que a Evolução caminha para o Espírito / Creio que o Espírito, no homem, se perfaz em algo de Pessoal / Creio que o Pessoal supremo é o Cristo-Universal.*»²⁷.

A eucaristia – e Teilhard não se cansa de o mostrar –, não só santifica o homem nas suas acções, mas também o universo na medida em que põe em acção, pela sua participação nele, o mistério revelado em Cristo: o da economia da salvação com vista à entrada no Reino de Deus²⁸. O Cosmos, com gemidos de parto, sujeito ao pecado humano, é liberto e santificado, em Cristo, pelo memorial performativo da eucaristia: «*Cristo descobre-Se e brilha como uma última determinação, como um Centro ou, quase poderíamos dizer, como um Elemento universal. Sendo o Mundo material assimilado pela nossa humanidade, e a nossa humanidade pela Hóstia, a Transformação eucarística ultrapassa e completa a Transsubstanciação do pão do Altar. Pouco a pouco, invade irresistivelmente o Universo. É como fogo a correr pela urzes. É o choque que faz vibrar o bronze. Num segundo sentido mais geral, mas verdadeiro, as Espécies sacramentais são formadas pela totalidade do Mundo, e a duração da Criação é o tempo necessário para a sua consagração. In Christo vivimus, movemur et sumus.*»²⁹. *De Deus a Deus por Deus e em Deus*. Na eucaristia, que bendiz e santifica a criação e os seus elementos, prepara-se já a transformação escatológica, a nova criação, o Reino, que é o motor invisível do avanço da história. Ao sintonizar-se neste movimento ascensional de amor, o homem eucarístico colabora com a redenção de toda a criação. Não é que Deus ou o seu Espírito não actuem fora da sacramentalidade eucarística – para Teilhard a liberdade do Espírito de Cristo é omnímodal pois só assim se pode compreender a universalidade, nas suas diversas modalidades, da salvação

²⁷ *A Minha Fé*, in *A minha Fé*, p. 111.

²⁸ A Igreja nos escritos de Teilhard é a extensão primeira e fundamental da eucaristia na medida em que aquela surge do encontro, e da comunhão, com o seu Senhor. Contudo Teilhard alarga sempre os seus horizontes: sendo o Cristo eucarístico o Cristo universal, ele descobre deste facto que a influência que Ele exerce pela sua presença activa eucarística não pode ser senão uma repercussão autenticamente universal.

²⁹ *O Meio Divino*, p. 98. O aprofundamento do tema da Eucaristia, tão rico em Teilhard, embora profundamente ligado ao da Liturgia seria desviar-nos do propósito inicial deste esboço de ensaio.

pleromatizante³⁰ –, mas nela os dons da graça são entregues de modo certo e visível, conferindo energia inesgotável para o grande mistério da *metabolé*, ou conversão dos elementos cósmicos em elementos transcendentais.

O memorial eucarístico surge, pois, como o centro irredutível da Igreja: desde aquela, esta aparece realmente como sacramento do mundo e do Reino³¹, na medida em que a consagração dos dons significa e simboliza a consagração de todas as coisas pela humanidade de Cristo. Este alimentou-se de pão para que este, pelo Espírito que é invocado, se possa assimilar ao Seu Corpo. Na verdade, e mais uma vez na senda dos Padres³², para Teilhard, este Corpo divinizado é menos consumido por nós do que – e aqui não há como evitar um certo constrangimento gramatical – nos assume a nós: a eucaristia transforma o homem nela mesma: «*Já me habituei a reconhecer, sob a inércia desse pedaço de pão, um poder devorador que, segundo a expressão dos Vossos maiores Doutores, me assimila a mim, muito mais do que eu o assimilo a ele. Ajudai-me a superar o resto de ilusão que tenderia a fazer-me crer que o Vosso contacto é circunscrito e momentâneo.*»³³.

A Vivificação Plena

Jesus é o «*pão do céu*», o «*pão da vida*». O Ressuscitado dá-se-nos plenamente na eucaristia que, assim, é alimento da ressurreição ao fazer do homem apto a deixar-se reunir, *por Si e no Espírito*, ao Pai. Jesus é pão na medida em que todo o seu Corpo é formado por toda a vida cósmica amassada pelo trabalho dos homens; é simultaneamente “pão vivificante”, pois em si a vida divina penetra e atravessa a humanidade, o mundo, o cosmos. O sacramento memorial da Páscoa de Cristo é, assim, poder real de ressurreição, fermento de imortalidade e intimidade divina plena: «*Há apenas uma Missa no Mundo, em todos os tempos: a verdadeira hóstia, a hóstia total, é o Universo que Cristo penetra e vivifica cada vez um pouco mais intimamente. [...] Quando Ele diz, através do padre: “Hoc est Corpus meum”, estas palavras extravasam infinitamente do pedaço de pão sobre o qual são pronunciadas e a Natureza inteira recebe, lenta e irresistivelmente, a grande Consagração.*»³⁴. Eucaristização real, movimento objectivo pelo qual a Hóstia se assimila à humanidade e ao universo inteiro e que, de certo modo, leva

³⁰ Não nos equivoquemos: se a unidade do desígnio divino requer um único centro de atracção, este é Jesus Cristo e não o sacramento eclesial da sua Páscoa, ou sequer a sua Igreja historicamente apreensível. De facto, esta é a visibilidade da parcela do Mundo «reflexivamente cristificada», enquanto que aquela, que centra em si a eucaristia cósmica, consistirá, sempre, na celebração da cristificação universal de todas as coisas já operada prolepticamente por Cristo. Cf. *Gaudium et Spes*, n.º 22.

³¹ Cf. *Lumen Gentium*, n.º 9.

³² Cf., AGOSTINHO - *Confissões*, 7, 10; LEÃO MAGNO - *Sermão 12 da Paixão*, 3, 6-7; cf., ainda, *Lumen Gentium*, n.º 26.

³³ *O Meio Divino*, p. 98-99.

³⁴ *Panteísmo e Cristianismo*, in *A minha Fé*, p. 85-86.

à perfeição o Corpo Místico de Cristo: «*Nada estremeceu, aparentemente, sequer sob a transformação inefável. E contudo, misteriosa e realmente, ao contacto da Palavra substancial, o Universo, imensa Hóstia, fez-se carne. Toda a matéria passou a ser encarnada doravante, meu Deus, por meio da Vossa Encarnação.*»³⁵. Toda a criação, acolhendo deste modo esta presença motriz, entra em vibração não por um contacto mágico, mas por uma comunicação simbólica e sacramental do que de mais há de íntimo a Deus ao que de mais íntimo há ao homem, comunicação que, assim, activa a frequência de ressonância espiritual de toda a criação.

Eis, para Teilhard, a pericorese que se realiza na eucaristia: a descida de Deus e a ascensão humana; epiclese divina, cristificação humana. Ela é, em certo sentido, o meio pelo qual Deus nos faz desejar livremente aquilo que ele soberanamente nos deseja dar: Ele mesmo. Tudo o que é animado eucaristicamente possibilita a união com Deus mediante a grande *metabolé*, a transformação no próprio Corpo de Cristo: união desde o Centro. A missa sobre o altar liga-se à terra e faz elevar até Deus a criação, na esperança prolepticamente celebrativa de que ela acabe por se reunir efectivamente a Ele: «*O mundo, se me permitem a expressão, parece-me “tombar” para a frente e para o alto sobre o espiritual, e esta inversão da cosmogonia tem como consequência dar consistência cósmica a cada pessoa pelo seu Centro supremo amável e amante.*»³⁶.

«*Todas as energias (humanas) se agarram, se soldam em profundidade, e a humanidade de Nosso Senhor vem retomá-las e refundi-las numa unidade transcendente e pessoal.*»³⁷. O corpo – entenda-se: toda a humanidade – eucarístico é concomitantemente o de Jesus histórico e o do Ressuscitado-Glorificado. Depois da ressurreição esta humanidade de Deus engloba o mundo e transfigura-o secretamente. Já o corpo histórico de Jesus, deixando-se, por um amor excessivo, conter num ponto do espaço e num breve instante do tempo, abarcava todo o espaço e todo o tempo na medida em que era o Corpo humano-divino de uma Pessoa divina que assumiu a natureza humana – e por ela todo o universo – para os oferecer. Por esta encarnação pascal, Deus assumiu toda a nossa finitude para a encher de luz, calor e vida. Ultimamente, então, é esta criação cristificada, este pão e este vinho transfigurados, este Corpo resplandecente de glória mas carregando para sempre os estigmas da paixão a que nos unimos, que a eucaristia nos comunica. «*A minha vida deve tornar-se, graças ao sacramento, um contacto convosco sem limite e sem fim [...]. O Sacramento da vida. O sacramento da minha vida – da minha vida recebida; da minha vida vivida; da minha vida abandonada...*»³⁸.

De facto, para Teilhard, paradoxalmente, à maior união coincide a maior diferenciação personalizante³⁹; aquela que descobre a nossa autenticidade em

³⁵ *A Missa no Altar do Mundo*, in *Hino do Universo*, p. 21.

³⁶ *Cartas de Viagem*, carta de 19 de Janeiro de 1929, p. 12.

³⁷ *Génese de um Pensamento*, carta de 27 de Março de 1916, p. 107-108.

³⁸ *O Meio Divino*, p. 99-100.

³⁹ Cf. *O Meio Divino*, p. 89; *Introdução à Vida Cristã*, p. 193: “Só, de facto, o “panteísmo” cristão (aquele onde cada ser se acha superpersonalizado, supercentrado, por união a Cristo, o Super-Centro

Cristo mediante a purificação de todo o átomo de egoísmo, de tudo o que morrendo eucaristicamente nos permite receber a vida verdadeira: «*Ó Energia do meu Senhor, ó força irresistível e viva, porque de entre nós, sois Vós o infinitamente mais forte, é sobre Vós que cai o dever de me consumir na união que nos juntará! [...] Não me baste morrer comungando, mas ensinai-me a comungar morrendo*»⁴⁰, pois «*Na Hóstia, é a minha vida que me ofereceis, Jesus.*»⁴¹.

Dinamismo Encarnacional

«*Que poderei eu, pergunta-se Teilhard, fazer para acolher este abraço envolvente? Para responder a este beijo universal?*»⁴². Ele próprio, num outro texto já citado, responde: «*Adorar! Outrora era preferir Deus às coisas, referindo-as a Ele e sacrificando-as. Adorar, agora, significa votar-se de corpo e alma ao acto criador, associando-se a ele para perfazer o Mundo mediante o esforço e a pesquisa[...] Parecia, outrora, só haver duas atitudes geometricamente possíveis para o homem: amar o Céu ou amar a Terra. Eis que, no espaço novo, uma terceira via se desvela: ir ao Céu através da Terra. Há uma comunhão a Deus pelo Mundo. Um tal cristianismo é ainda, realmente, o verdadeiro Evangelho, pois representa a mesma força aplicada a soerguer a Humanidade acima do tangível, num amor comum.*»⁴³. A eucaristia é precisamente isto: celebração encarnada, com-memoração real e fraterna, do que tendo acontecido uma só vez – a perfeita união do Criador com as suas criaturas pelo mistério da Encarnação, vida morte, Ressurreição e envio do Espírito (do Filho de Deus) – é comunicado a todo o universo pelo amor do homem amorizado em Cristo. O desejo de comunhão e de inter-comunhão com Deus reenvia o homem para o mundo concreto em que é chamado a viver: a eucaristia anima a acção onde ela se encarna activamente. O cristão, como Cristo, deve submergir no mundo, fazer-se corpo espiritual *do*, e *com*, o universo de modo a fazer emergir as suas potencialidades latentes, a sua fecundidade referente: «*Não achas que é uma questão de lealdade e de “consciência”*

divino) interpreta exactamente e satisfaz plenamente as aspirações religiosas humanas, cujo sonho é afinal perderem-se conscientemente na unidade. Só ele é conforme à experiência que, por toda a parte, nos mostra que a união diferencia.». «*A proximidade absoluta está na distância infinita*», disse, num outro registo, Kierkegaard. O próprio II Vaticano aponta para uma espiritualidade das relações interpessoais na qual cada um encontra a sua verdadeira e autentica pessoa na entrega sincera de si aos outros à semelhança da própria relação trinitária. Cf. *Gaudium et Spes*, n.º 24.

⁴⁰ *O Meio Divino*, p. 59.

⁴¹ *O Meio Divino*, p. 98.

⁴² *O Meio Divino*, p. 99.

⁴³ *Cristologia e Evolução*, in *A minha Fé*, p. 106s. A espiritualidade apofática cristã não conseguirá falar ao mundo de hoje excepto se articular-se e complementar-se com a sua equivalente catafática. Desde a sua origem aquela esteve profundamente marcada pela “*fuga mundi*” de matiz neoplatónica que encontramos em Agostinho e no Pseudo-Dionísio, mas hoje só será portadora de sentido se dialogar com esta, que em Teilhard não surge senão como um elo numa longa sucessão: Catarina de Siena, Juliana de Norwich, Ângela de Foligno e Inácio de Loyola são apenas alguns dos nomes frequentemente referidos por nosso autor.

trabalhar para extrair do Mundo tudo o que esse Mundo pode conter de verdadeiro e de energia? Nada DEVE ficar por tentar na direcção do mais ser.[...] Não só por entusiasmo cósmico, mas por estrito dever natural, devemos lutar por ver mais claramente, por agir mais poderosamente, por experimentar todos os caminhos...»⁴⁴.

Na verdade, diz ele, «*Parece-me que em certo sentido a verdadeira substância a consagrar diariamente é o crescimento do mundo nesse dia – simbolizando o pão bastante bem o que a Criação chega a produzir, o vinho (sangue), o que ela faz perder em esgotamento e em sofrimento pelo esforço que exige.*»⁴⁵. Só o homem faz pão, só o homem faz vinho. Nestes é toda a humanidade que se entrega diariamente para se humanizar. A cristificação de que tanto fala Teilhard não ocorre a despeito da humanidade⁴⁶: pressupõe-na na medida em que Deus não diviniza senão o que o homem humanizou pela sua vida, pela sua vida-dada-sofrida alegremente ao outro: «*Quando Cristo se dá sacramentalmente a cada um dos fiéis não é só para conversar com ele. É para o anexar um pouco mais a Si e a todos os outros fiéis na unidade crescente do Mundo.*»⁴⁷. Deus, para o nosso autor – parafraseando nós uma expressão de François Fénelon –, irrompe no homem pela eucaristia quando não há mais em cada pessoa um “eu-para-si” no “eu”⁴⁸. De facto, em Teilhard, a omni-impotência do Deus que não é senão amor, revelado ultimamente *em e por* Jesus Cristo, mostra que o tudo o que ele da eucaristia aduz não se pode realizar livremente em cada um de nós senão na medida em que nos orientamos para a nossa existência oblativa.

O sacramento do sacrifício, então, compreendido e vivido como o sacramento por excelência da união com os outros, repercute-se e dilata-se no sacramento do irmão: dinâmica de partilha e de serviço mediante a qual, em eucaristia, por Cristo, se abre ao homem a via do amor mais forte do que a morte. Pão comungado, porque pão partilhado: «*Tomar o pão que me apresentais é entregar-me, eu sei, às potências que dolorosamente me arrancarão a mim próprio para me impelirem para o perigo, para o trabalho, para a renovação contínua das ideias, para o austero desprendimento nas afeições.*[...] *Senhor Jesus, aceito ser*

⁴⁴ *Génese de um Pensamento*, carta de 4 de Agosto de 1916, p. 132.

⁴⁵ *Cartas de Viagem*, carta de 26 de Agosto de 1923, p. 52.

⁴⁶ A este respeito, num dos seus últimos livros Joseph Ratzinger tem palavras esclarecedoras: «*Pertencer a Deus não tem nada a ver com destruição nem com “não-existência”, mas sim com um modo de ser.[...] Por isso podia dizer Agostinho que o verdadeiro “sacrifício” seja civitas dei, isto é, a Humanidade que, transformada em amor, diviniza a Criação, transferindo assim o Universo para Deus: Deus tudo em todos (1Cor 15, 28) – essa é a finalidade do Mundo, essa é a natureza do “sacrifício” e do culto. Então, agora podíamos dizer: ao todo, os objectivos do culto e da Criação são iguais – eles são a divinização, um Mundo de liberdade e de amor.*», in *Introdução ao espírito da Liturgia*, Lisboa: Paulinas, 2001, p. 20.

⁴⁷ *Panteísmo e Cristianismo*, in *A minha Fé*, p. 85.

⁴⁸ Em Teilhard nada encontramos daquela “ *piedade*” que ainda hoje fecha Cristo nos limites subjectivos e mal evangelizados de quem ainda crê numa salvação meramente individual. Pela eucaristia o crente faz-se presente a toda a humanidade na medida em que se faz presente a Cristo: celebração excêntrica, centrífuga.

possuído por Vós, e levado pela inexprimível força do Vosso Corpo, a que ficarei ligado, para solidões às quais, sozinho, nunca ousaria subir»⁴⁹: o amor desinteressado, abnegado, só pode nascer da eucaristia, mistério que ajuda o cristão a realizar a consagração universal do mundo, sofrendo – passividade radical – ele próprio uma transformação teândrica⁵⁰. A eucaristia revela, então, que o homem só pode deixar Deus revelar-se na medida em que se dá comunitariamente. Deus não vem ao homem senão quando este assume, com Ele, toda a humanidade em fraternidade eucarística. Para Teilhard é virtualmente impossível – mesmo que sozinho nas estepes da Ásia ou nas florestas do Aisne – celebrar a eucaristia senão como um gesto convival com todo o homem. Com toda a humanidade que desde sempre se faz presente e reunida em redor do altar sobre o mundo.

O homem é convidado a fazer tudo para que Deus possa enaltecer o homem e o mundo, para que estes possam receber Deus ao preparar a matéria do holocausto sobre a qual descerá o Fogo de Deus: «Espírito ardente, Fogo fundamental e pessoal, Termo real de uma união mil vezes mais bela e desejável do que a fusão destruidora imaginada por qualquer panteísmo, dignai-Vos, uma vez mais, descer, para lhe dar uma alma, sobre esta frágil película de matéria nova com que se vai, hoje, envolver o Mundo.»⁵¹. Para Teilhard, quão mais o homem for homem, mais Deus pode transparecer Deus: «Uma das marcas mais seguras da verdade da religião é observar até que ponto ela faz agir, isto é, em que medida consegue fazer brotar, das fontes mais profundas que em cada um de nós há, um certo máximo de energia e de esforço comungante. A acção humana e a santificação por Cristo caminham a par e apoiam-se uma na outra»⁵².

Teilhard indubitavelmente crê que o memorial eucarístico que abraça o universo é a celebração da divina presença salvadora que perenemente nos lembra que o Reino está dentro de nós, não para aí se sedimentar, mas para alargar, expandir e refluir dando glória e louvor a Deus pela comunhão com Cristo presente e operante. Em todo o seu pensamento sobre este tema é o fundo tradicional dos “Exercícios Espirituais”, nomeadamente a meditação charneira do “Chamamento do Rei”, que deve ser uma das chaves hermenêuticas dos seus escritos⁵³.

⁴⁹ *A Missa no Altar do Mundo*, in *Hino do Universo*, p. 27-28.

⁵⁰ Neste ponto, em que se constata que é Deus a dar ao Homem aquilo que este Lhe oferecera ao reconhecer o proto-dom d’Aquele – princípio e fundamento da sua humanidade agradecida – é todo o “*Suscipe*” inaciano que acompanha o pensamento de Teilhard: «*Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, a minha memória, o meu entendimento e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo; Vós mo destes; a Vós, Senhor, o restituo. Tudo é vosso, dispõe de tudo, à vossa inteira vontade. Dai-me o vosso amor e graça, que esta me basta.*»; in *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*, Braga: A.I. 1999, n.º 234.

⁵¹ *A Missa no Altar do Mundo*, in *Hino do Universo*, p. 19.

⁵² *Génese de um Pensamento*, carta de 4 de Julho de 1915, p. 65; Cf. *Gaudium et Spes*, n.º 22.

⁵³ Não obstante a nossa profunda convicção nesta afirmação, o seu desenvolvimento e explicação saíria fora dos propósitos deste trabalho. Contudo, em nota, achamos oportuno não deixar de citar o referido texto: «*Pôr diante de mim e ver a Cristo nosso Senhor, rei eterno, e diante dele todo o mundo universal, ao qual e a cada homem, em particular, chama e diz: Minha vontade é conquistar todo o mundo e assim entrar na glória de meu Pai; portanto, quem quiser vir comigo, há-se trabalhar comigo, para que servindo-me na pena, me siga também na glória.*»; in *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*, n.º 95.

Este Meio Divino, este Meio de Amor que já Dante celebrava na “*Divina Comédia*” ao cantar «*L’amor che move il sole e l’altre stelle*», onde a eucaristia ocorre ser o motor da humanização, é a continuação no hoje, de qualquer tempo e lugar, do ephápax cairológico da salvação: «*Ao longo de todos os dias de cada homem, e de todas as idades da Igreja, e de todos os períodos do Mundo, há uma única Missa e uma única Comunhão. Cristo morreu dolorosamente uma vez. Pedro e Paulo recebem, em determinado dia, a determinada hora, a Sagrada Eucaristia. Mas estes diversos actos constituem apenas os pontos, diversamente centrais, nos quais se divide e se fixa, no tempo e no espaço, para nossa experiência, a continuidade de um gesto único*»⁵⁴. Teilhard soube voltar a fazer do universo um templo, à semelhança do autor do relato sacerdotal da criação⁵⁵, e convidar o homem a compreender que para a plena realização do seu destino, tal como ele o compreende, deve dar a voz da sua consciência e, através de toda a sua actividade, a voz da sua livre homenagem, ao hino que para Deus sobe de toda a criação.

O Thelos Visibilizado

Teilhard não tem dúvidas: a eucaristia é o lugar da suprema actividade: é ela que faz avançar o mundo, o universo, a história em Deus. Por ela, a criação, outrora exposta à degradação entrópica, torna-se espiritual ao ser assumida e metamorfoseada pela entrega do homem a Deus, narrando a verdade da sua realidade vocacional: a de ser o ostensório de Deus, a de reflectir transparentemente o Seu rosto e de entrar com a humanidade assumida em Cristo na alegria da Trindade. A eucaristia é, desde já, a transfiguração de toda a criação num encontro de bondade prodigiosa. Nesta transformação, o que de mais material há no universo é desposado por Deus e metamorfoseado pelo seu amor até se poder tornar diafania da sua acção real. Mais do que triunfo do espírito sobre a matéria, é sinal e realização da espiritualização da matéria, não por redução, mas por sublimação positiva no amor. O homem é, para a criação, a esperança do acolhimento da graça e da união a Deus: deste modo, para o nosso autor, tudo o que se passa no homem tem uma significação universal que se imprime em toda a criação: o destino do homem determina o destino da criação. E este decidido antropocentrismo, que por toda a sua obra encontramos, não nos esqueçamos, é profundamente bíblico⁵⁶. Em Cristo a humanidade, e por esta toda a restante criação, não é diminuída, mas sim restaurada, re-criada, re-suscitada: pela Vida de Jesus – toda ela – o universo recupera a sua beleza ao ser antecipada a transfiguração da criação no homem novo em travessia encarnacional-pascal para Deus. O sacramento do sacrifício é

⁵⁴ *O Meio Divino*, Lisboa: Notícias Editorial, 1997, p. 96.

⁵⁵ Cf. *Gn* 1,1-2,4a.

⁵⁶ O teólogo ortodoxo Paul Evdokimov tem, a este respeito, palavras esclarecedoras: «*Tout le génie de Teilhard de Chardin est de montrer l’histoire du Cosmos comme une évolution orientée vers l’homme. Si l’homme, certes, n’est plus au centre astronomique de l’univers, il est bien à son sommet, car l’homme est l’évolution cosmique devenue conscience liturgique d’elle-même*»; in *L’amour fou de Dieu*. Paris: Seuil, col Livre de Vie n.º 154, 1997, p. 66.

a celebração desta Vida que vivifica a vida e integra toda a realidade na comunidade desde sempre desejada por Deus: «*Atingimos Deus, no céu "sicuti est", mas na medida em que somos assumidos por Cristo nos prolongamentos místicos do seu Corpo. O estado de beatitude deve compreender-se, em definitivo, como um estado de união eucarística permanente, onde seremos mantidos e elevados em corpo e "in corpore Christi".*»⁵⁷.

A eucaristia cristifica a humanidade rompendo, pelo Espírito de Bondade, a história linear e tornando presente, na diacronia an-árquica que implanta no coração humano, a realização antecipada e incoativa da plenitude escatológica, a economia da salvação operada por Cristo no seu Espírito de acordo com a vontade do Pai. Comemorativa, certamente, mas acompanhando este "fazer memória" por um irresistível apelo ao esperado, a saber: a realização plena do Reino. Toda ela tende para a consumação deste, escatologizando aquela memória na esperança. Teilhard, meditando sobre a eucaristia, de facto, concebe o Reino de Deus atravessando de extremidade a extremidade o reino do homem, integrando-o e transformando-o sem o arruinar ou rejeitar; isto é, antes mostrando a sua real consistência ao transfigurá-lo: «*Tentar tudo para Cristo! esperar tudo para Cristo! Nihil intentatum! É esta, pelo contrário, a verdadeira atitude do cristão. Divinizar não é destruir mas sim criar ainda mais.*»⁵⁸.

O sacramento dos sacramentos é esta plenificação antecipada que lhe confere, precisamente, todo o seu dinamismo interior, toda a sua travessia para a consumação, pela oferta que a Igreja faz da premissa da Nova criação: reconhecimento de um movimento real onde o mundo inteiro, penetrado e vitalizado por Deus, caminha em direcção ao re-encontro com o seu Criador. A eucaristia visibiliza⁵⁹ a sua presença substancial através do espaço e do tempo ao mesmo tempo que realiza verdadeiramente – ao prolongar a Sua acção kénotica e unificante – a sua acção soteriológica: redentora, salvífica, divinizadora⁶⁰. A eucaristia, assim, para Teilhard, antecipa a Parusia, a visibilidade do regresso de Cristo: «*Todas as comunhões da nossa vida não passam afinal dos episódios sucessivos de uma única comunhão, quer dizer, de um único e mesmo processo de cristificação.*»⁶¹. Cristo, pela sua oferta vital, recapitula a criação permitindo-nos discernir as dimensões

⁵⁷ *União Física entre a Humanidade de Cristo e os Fieis*, in *A minha Fé*, p. 21.

⁵⁸ *O Meio Divino*, p. 131.

⁵⁹ Cf. *O Meio Divino*, p. 105: «*O grande mistério do Cristianismo não é exactamente a Aparição, mas sim a Transparência de Deus no universo! Oh! Senhor, sim, não só o raio que aflora, mas o raio que penetra. Não a Vossa Epifania, Jesus, mas a Vossa Diafania.*». Enquanto que para Agostinho todas as coisas apontavam para Deus, Inácio de Loyola fala de Deus presente em todas as coisas. Isto inquestionavelmente inspirou a Teilhard que, unindo a sua profunda fé em Jesus de Nazaré à oração ao Cristo cósmico que vivifica o universo, deixou Deus vir até si não desde a fuga da matéria, mas através da sua cada vez mais profunda entrada em, e entrega a, esta.

⁶⁰ Cf. *Ad Gentes*, n.º 3. A divinização, a *theósis* dos padres, é verdadeira união com Deus enquanto dom concedido, enquanto participação pela graça na sua vida, que atinge suprema realização na união com Cristo na oração, na vida de amor dada ao outro e, sobretudo, na eucaristia que é, simultaneamente, o clímax daquelas.

⁶¹ *Introdução à Vida Cristã*, in *A minha Fé*, p. 187.

cósmicas da sua obra; recapitula ainda, desde a sua doação glorificada, a plenitude esperada desde sempre. Com ele, pela eucaristia, a Igreja realiza o que há-de ser, o que desde sempre foi chamada a ser: a Jerusalém celeste, a morada de Deus com os homens: «*Levanta a cabeça Jerusalém. Olha a multidão imensa que constrói e que procura. Nos laboratórios, nos escritórios, nos desertos, nas fábricas, no enorme cadinho social, vê os homens que sofrem? Pois bem! Tudo o que por eles fermenta, arte, ciência, pensamento, é para ti!*»⁶². A criação e a actividade humana não estão encerradas num determinismo ou numa fatalidade. Elas estão abertas e têm uma vocação conferidas por Aquele que as anima e alenta interiormente na, e pela, eucaristia.

Para in-finalizar – servindo-nos, novamente, da terminologia levinasiana que exprime maravilhosamente a realidade de que toda a travessia carrega em si o "em" e o "não" que o "in" significa – esta nossa brevíssima evocação acerca da eucaristia em Teilhard de Chardin, um resumo impõe-se-nos metodologicamente: sacramento da presença de Cristo ao mundo e deste Aquele – presença operante e recíproca –, a eucaristia surge no nosso autor como o motor real em que se opera o Mistério do desígnio salvífico de Deus. Por ela é todo o homem que, sendo penetrado até à mais recondita parcela do seu ser, eleva o mundo, por Cristo e no Espírito, em travessia para o Pai. De certo modo, então, ela mede o movimento da actividade espiritual do homem que faz a sua travessia para a vida eterna no espaço-tempo da nova criação, a criação eucarística que re-qualifica a relação de Deus com o homem, e, por este, com a totalidade do universo: «*Quanto maior for o homem, mais unida, consciente e senhora das suas forças será a humanidade – e também mais bela será a Criação, mais perfeita a adoração, e mais facilmente Cristo encontrará, para extensões místicas, um Corpo digno de ressurreição.[...] Para desejar a Parusia basta-nos deixar bater nos nossos peitos o próprio coração da Terra, cristianizando-o.*»⁶³.

É pela eucaristia que Deus e o homem se tocam e se sonham, se amam oferecendo-se: a visão que desta o nosso autor propõe é de esperança, mas de esperança cristificada dado que o Crucificado-Ressuscitado é o centro da existência teológica cristã. Só deste modo, então, o próprio Deus pode tornar-se em nós o desirante: só agora é que na oração pode ser Deus a rezar no homem... só agora o homem se pode descobrir essencialmente como ser-eucarístico-em-travessia. Não se trata – como fomos vendo – de um pensamento sistemático, nem sequer de uma "filosofia" ou de um "sistema", mas, verdadeiramente, de uma mística, de uma profunda intuição, toda ela o substrato mais íntimo de uma vida extraordinária, única e inimitável. Vida eucarística, dada, escrita, desde diversos momentos de alma inscritos numa espiral concêntrica, que se associam uns aos outros por uma metamorfose profundamente criacional.

ALEXANDRE FREIRE DUARTE

⁶² *O Meio Divino*, p. 131; Cf. *Gaudium et Spes*, n.º 38-40.

⁶³ *O Meio Divino*, p. 130-131.